

Um *poquin* de Goiás: usos do diminutivo no noroeste goiano
‘Um *poquin* de Goiás’: uses of the diminutive in Northwestern Goiás

Aline da Cruz¹

Universidade Federal de Goiás

Rita de Cássia de Oliveira Azevedo²

Universidade Federal de Goiás

Resumo: Com base em dados do ALINGO – Atlas Linguístico de Goiás, este trabalho investiga os usos de diminutivos em uma variedade de portugueses brasileiros falados no noroeste da província de Goiás, Brasil. Com uma abordagem sócio-histórica, o artigo mostra os usos do diminutivo nessa região e dá novas evidências para a observação clássica de Sérgio Buarque de Holanda (1936) de que a alta frequência de diminutivos no português brasileiro pode estar associada à cordialidade que ocorre nas relações sociais no Brasil. Além disso, o artigo investiga os usos do diminutivo em combinação com marcas de gênero.

Palavras-chave: Diminutivo; cordialidade; marcas de gênero.

Abstract: Based on data from the ALINGO, this paper investigates the uses of diminutives in a variety of Brazilian Portuguese spoken in the northwest of the province of Goiás, Brazil. With a sociohistorical approach the paper shows the uses of the diminutive in that region, and give new evidences for the classical observation from Sérgio Buarque de Holanda (1936) that the high frequency of diminutives in Brazilian Portuguese may be associated to the cordiality that takes place in social relations in Brazil. Moreover, the paper investigates the uses of diminutive in combination with gender marks.

Keywords: Diminutive; cordiality; gender marks.

Recebido em 20 de novembro de 2017.

Aprovado em 15 de março de 2018.

Introdução

Ao definir as características do ‘homem cordial’, Sérgio Buarque de Holanda sugere que no domínio linguístico, a cordialidade brasileira “parece refletir-se em nosso pendor acentuado para o emprego dos diminutivos” (BUARQUE DE HOLANDA 2016 [1936]: 178). Para o autor, o uso acentuado do diminutivo seria uma marca da identidade brasileira ao falar Português, e que nos diferenciaria dos usos que os portugueses dariam ao sufixo de diminutivo. Em suas próprias palavras, “sabemos como

¹ Docente da UFG. aline.da.cruz@live.com

² Licenciada em Letras com habilitação em Português pela Universidade Federal de Goiás. E-mail: aonderose@hotmail.com.

é frequente, entre os portugueses, o zombarem de certos abusos desse nosso apego aos diminutivos” (BUARQUE DE HOLANDA 2016 [1936]: 178).

Em estudo mais recente, Rezende-Santos (2008) observaram que o uso acentuado do diminutivo seria uma marca associada aos falares do estado de Minas Gerais, e, também identificadora da fronteira sul, sudeste e sudoeste do estado de Goiás. Neste artigo, pretende-se retomar a hipótese de Buarque de Holanda acerca dos usos do diminutivo, e verificar seus usos para além da fronteira entre Goiás e Minas Gerais, procurando observar os usos do diminutivo no noroeste do estado de Goiás, nas fronteiras com o estado do Mato Grosso. Mais especificamente, foram considerados para análise os dados de formação de palavras registrados em três municípios da região noroeste do estado de Goiás: Piranhas, Aragarças e Aruanã. Para tanto, foram analisadas gravações que fazem parte do acervo do *Laboratório da Língua de Goiás* (doravante, LABOLINGGO), cujos inquéritos constam da elaboração preliminar do ALINGO: *Atlas Linguístico de Goiás* (MILANI; REZENDE; CRUZ; SILVA, 2015).

Para esta pesquisa, foram analisadas cinco entrevistas com falantes do município de Piranhas, oito com falantes de Aragarças e seis entrevistas com falantes de Aruanã, perfazendo um total de dezenove entrevistas. Cada gravação pode variar em tempo de quarenta a noventa minutos.

É importante destacar que o noroeste goiano é um território com bastante diversidade cultural, uma vez que abriga povos indígenas. Não temos registros de formação quilombola nem comunidades de imigração estrangeira nesses municípios. Desta forma, constitui-se como um *locus* privilegiado para verificar em termos sociolinguísticos a observação de Sérgio Buarque de Holanda de que o uso do diminutivo poderia estar associado à familiaridade própria das relações de cordialidade, que estariam na base das nossas escolhas políticas e das formas como os ciclos de poder são estabelecidos e mantidos.

Este artigo divide-se em quatro partes. Na primeira, apresenta-se a sócio-história de formação e a realidade sociolinguística do noroeste goiano; na segunda, apresenta-se uma discussão acerca da literatura sobre a classificação do sufixo de diminutivo como processo flexional ou derivacional; na terceira, analisa-se as palavras derivadas por diminutivo no Noroeste de Goiás, com os dados gerados a partir dos inquéritos do Alinggo. Por fim, traça-se algumas considerações finais a respeito do uso do diminutivo nessa região.

1. O noroeste goiano

O território goiano começou a ser constituído como Goiás pela exploração e pela ocupação predatória, com a busca de braços para o trabalho forçado na Costa – a *preação de índios* – e a exploração das minas – a *corrida do ouro*. Esse período é caracterizado na historiografia (PALACÍN, 1994) como *entradas e bandeiras*. A história que antecede a *preação de índios* e a *corrida do ouro* não é contada, é a *pré-história de Goiás*. Mas, está documentado que o território dos *Guayazes* era ocupado por cerca de 35 povos diferentes, provavelmente vivendo e falando, respectivamente, 35 culturas distintas e línguas (REZENDE-SANTOS, 2008).

Durante o frezezi das minas, esse território foi vastamente explorado e pouco ocupado. Muitos dos povos indígenas foram dizimados em confrontos, outros morreram vitimados por doenças, muitos deles fugiram dos ataques. As políticas de aldeamento e de integração contribuição para a diluição das identidades e os indígenas se tornaram brasileiros, goianos, matogrossenses, paraenses etc. Uma grande parcela, todavia, resistiu e ainda permanece em suas poucas terras indígenas.

Ao final do século XIX, com o esgotamento das minas e o investimento na agropecuária, houve maior fixação dos grupos remanescentes nas terras. Assim, a ocupação colonial de Goiás estava constituída a partir de duas regiões, com características demográficas e culturais distintas e definidas de modo bastante polarizado: o *Sul* e o *Norte*. A população goiana dessas regiões, dada a sua formação sócio-histórica, apresenta traços físicos e culturais próprios de suas regiões de origem: nortistas e nordestinos, no norte e no nordeste goianos; e mineiros e paulistas, no sul, sudeste e centro-sul de Goiás. Tais características regionais podem ser notadas na formação do povo goiano, segundo Tiballi (1991, p. 20), *principalmente, na estrutura da linguagem e nos hábitos alimentares da população*. A autora entende por *estrutura da linguagem* as diferenças lexicais e de sotaque dessas regiões em relação às demais regiões do estado.

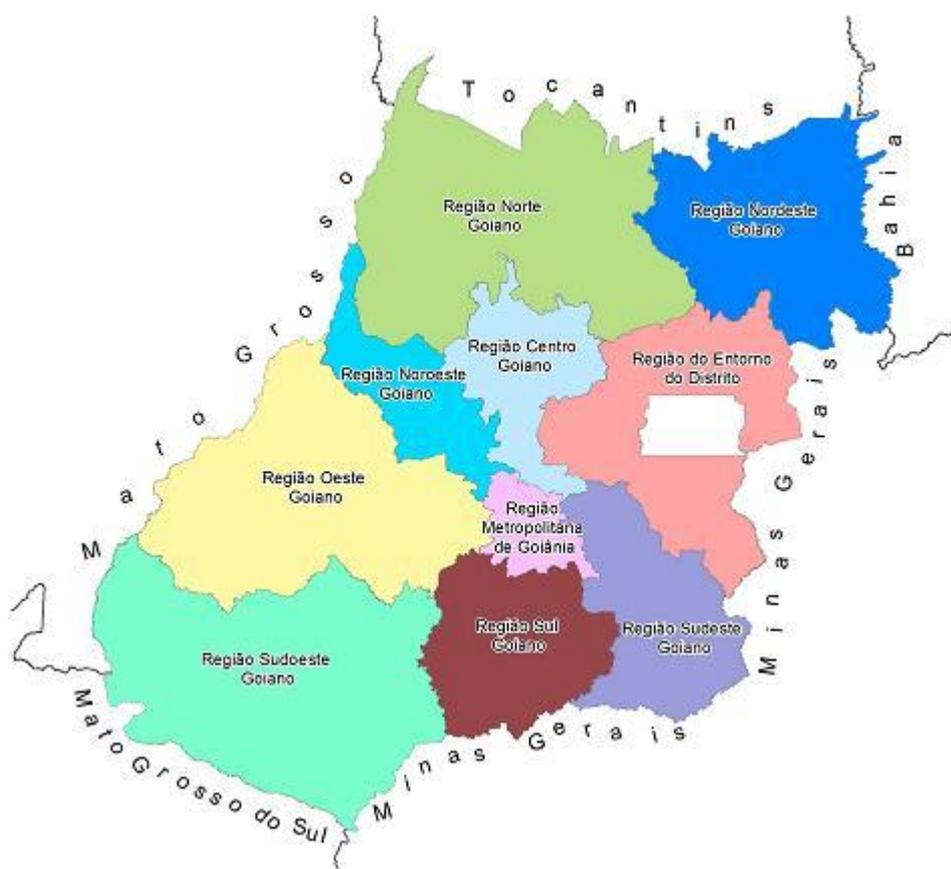
O que se denomina atualmente de Noroeste Goiano ou Estrada do Boi, conforme o Instituto Mauro Borges (IMB)³, é uma região de planejamento do estado de Goiás,

³ O Instituto Mauro Borges é um domínio da Secretária de Gestão e Planejamento do estado de Goiás e pode ser acessado em: <<http://www.imb.go.gov.br/>>.

conforme indicado na Figura 1 abaixo. Está situada entre o Rio Araguaia e a antiga estrada real, fazendo limite com o estado de Mato Grosso. Este estudo segue a divisão administrativa do território brasileiro dada pelo IBGE. Nessa divisão, o Noroeste Goiano reúne as regiões de planejamento noroeste e oeste de Goiás; e, no que diz respeito ao nosso campo de pesquisa, compreende duas microrregiões, segundo o IBGE: a do Rio Vermelho, na qual estão os municípios de Aruanã e Piranhas; e a de Aragarças, onde se situa o município de Aragarças.

Figura 1

Figura 1: Mapa das mesorregiões do estado de Goiás



Fonte: Instituto Mauro Borges. Disponível em: <<http://www.imb.go.gov.br>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

Historicamente, o que estamos denominando de noroeste goiano compreende ainda os territórios indígenas: o Iny (tronco Macro-Jê, família Karajá), situado no município de Aruanã, dividido em duas terras indígenas: Buridina e Bèdeburè; o Kayapó (tronco Macro-Jê, família Jê), em Piranhas, e o A'uwê (tronco Macro-Jê,

família Jê, tradicionalmente conhecido como Xavante), em Aragarças, que foi palco de disputa entre Kayapó e A'uwẽ. Enfim, a região goiana sob estudo é um dos importantes territórios indígenas Macro-Jê do estado e é uma das regiões de Goiás efetivamente ocupadas por povos indígenas, constituindo um rico campo sociolinguisticamente complexo.

Dois pressupostos são importantes como ponto de partida para o presente estudo: 1) considerando as entradas na formação de Goiás: mineiros e paulistas, ao sul – sul, sudeste e sudoeste, nortistas e nordestinos, ao norte – norte, nordeste e noroeste, infere-se que o noroeste goiano, além da base histórica e sociolinguística indígena, possui a base histórica e sociolinguística das entradas e das bandeiras, explorações oficiais e clandestinas, de origem bandeirante vinda da direção sul a caminho do Mato Grosso, mas, principalmente, sofreu as influências das imigrações vindas do norte e do nordeste do país (TIBALLI, 1991; REZENDE-SANTOS, 2008); e (2) em Goiás, o uso do diminutivo, é uma marca associada à fala do mineiro e identificadora da fronteira sul, sudeste, sudoeste do estado (REZENDE-SANTOS, 2008), portanto, o uso de diminutivos no noroeste do estado, nas proximidades com o Mato Grosso, como ocorre nos inquéritos do ALINGO, foi um dado inesperado, que merece ser investigado.

2. Diminutivo: entre flexão e derivação

A partir de uma abordagem com bases na Linguística Cognitiva, Basílio (2006) considera a existência de um léxico real e um léxico mental. O primeiro se constitui do conjunto de palavras de uma língua disponíveis ao falante e o segundo se refere ao conjunto de formações e possibilidades de formação de palavras que o falante conhece. Dessa forma, podemos criar novas palavras a partir de outras existentes por meio de um processo cognitivo coexistente com o léxico real: o processo de derivação.

A análise de formação de palavras, nesse ponto, se direciona à seguinte questão: qual a fronteira que separa os processos flexionais dos processos derivacionais? A dificuldade em diferenciar a flexão da derivação é ainda uma questão problemática para a Linguística, conforme destaca Anderson (1985). De fato, na análise do Português Brasileiro, o diminutivo foi ora considerado como uma forma de flexão ora como uma forma de derivação.

A primeira hipótese – a da flexão – é a que aparece nas gramáticas tradicionais e, sobretudo, na Nomenclatura Gramatical Brasileira. Conforme Ilari (2012):

A gramática tradicional reunia sob o nome de ‘flexão nominal’ alguns fenômenos que dizem respeito aos nomes, isto é, aos substantivos e adjetivos, a saber: (a) a variação de gênero e de número expressa pelo uso das desinências; (b) a formação dos graus dos substantivo e adjetivo, que apelam para sufixos como -inho, -ão, -zarrão, -íssimo, -érrimo (ILARI, 2012, p. 87).

De acordo com Câmara Jr. (2009), a gradação não pode ser considerada um processo de derivação, pois, não é requerida pela sintaxe, ou seja, não necessita corresponder à concordância em uma frase. Trata-se, nas palavras do autor, baseado em Varrão, de *derivatio voluntaria*, uma vez que gera novas palavras e se predispõe à escolha estilística do falante. A derivação, vista dessa forma, é um processo não-obrigatório e não acessível à sintaxe. Como o diminutivo atende a esses critérios, pode ser considerado como um processo de derivação:

Na realidade, o que se tem com os superlativos é uma derivação possível em muitos adjetivos, como para os substantivos há a possibilidade dos diminutivos e para alguns (não muitos) a dos aumentativos. Em outros termos. A expressão de grau não é um processo flexional em português, porque não é um mecanismo obrigatório e coerente, e não estabelece paradigmas exaustivos e de termos exclusivos entre si (CÂMARA JR, 2009, p. 83).

Embora a análise de Câmara Jr. de que o emprego do diminutivo permita a formação de novas palavras e, portanto, seja um caso de derivação, é possível observar que o diminutivo em Português também apresenta algumas características flexionais. É o que propõe Gonçalves (2007), ao aplicar os critérios estabelecidos por Anderson (1985) para a análise do diminutivo em Português. No Quadro 1, abaixo, podemos observar os oito critérios expostos pelo autor, juntamente com uma resumida descrição, seguidos do comportamento do diminutivo para cada um dos oito critérios:

Quadro 1: Síntese dos critérios para distinguir flexão de derivação e sua aplicação aos morfemas de diminutivo do Português

Critério	Descrição	Aplicação aos dados do Português
Relevância sintática	Derivação não requerida pela sintaxe.	Derivação
Morfologia aprisionadora	Na flexão a morfologia é o único meio de expressão do conteúdo.	Derivação
Produtividade	Ser produtivo e ocorrer em todas as classes de palavras.	Flexão

Cabeça Lexical	Sufixos derivacionais são o núcleo e os flexionais são adjuntos.	Flexão
Mudança de Classe	Sufixos derivacionais alteram a classe do vocábulo.	Flexão
Variabilidade semântica	Regularidade e coerência	Derivação
Excludência/ recursividade	Sufixos derivacionais podem se apresentar mais de uma vez e não se excluem.	Derivação
Lexicalização	Fuga ao padrão esperado	Derivação

Fonte: Gonçalves (2007).

Dentre os oito critérios propostos por Gonçalves (2007), a partir de Andersen (1985), cinco deles permitem classificar o diminutivo como um processo derivacional, o que confirma a análise de Câmara Jr. O que leva Gonçalves (2007) a considerar a fronteira entre flexão e derivação escalar, ou seja, a gradação está mais para derivação do que para flexão, porém não deixa de apresentar características flexionais. Por meio dos critérios sintático e morfológico, esta análise considera a gradação como um processo de derivação.

3. O uso do diminutivo no noroeste de Goiás

De acordo com Basílio (2005), o falante faz uso de um léxico mental que consiste no conhecimento de padrões e estruturas de formação que podem nos possibilitar a formar e compreender novas palavras. Morfemas derivacionais usualmente são específicos a uma determinada classe de palavras (AIKHENVALD, 2007), mas isso não é uma regra obrigatória. Nos dados obtidos nos municípios de Aragarças, Piranhas e Aruanã, o diminutivo é mais comumente associado aos substantivos, como indicado na Tabela 1, abaixo. No entanto, também ocorre com quantificadores⁴, que pertencem a diferentes classes gramaticais, como advérbios, como *poquin* ['pokĩ]; *nadinha* [na'dʒĩɲɐ]; pronomes, como *tudin* ['tudʒĩ]; *todin* ['todʒĩ], *todinha* [to'dʒĩɲɐ]; advérbio com semântica espaço-temporal, como *pertin* ['pɛxtĩ], e adjetivos como *quente* para *quétin* ['ketĩ], *direito* para *direitin* [dʒirej'fĩ]; *piquininin* [pĩ'kinĩ].

⁴ Neste trabalho, o termo 'quantificador' é utilizado para indicar uma classe semântica, e não uma classe de palavras propriamente dita. Desta forma, incluiu-se entre os quantificadores tanto advérbios quanto pronomes.

Tabela 1: Ocorrências de substantivos derivados por diminutivo, nos municípios do Noroeste goiano

Municípios	Ocorrências de Diminutivos		
	Feminino	Neutro/Masculin o	Total
Aragarças	55/52,8%	49/42,3%	104
Aruanã	39/54,1%	33/45,8%	72
Piranhas	35/42,3%	34/46,3%	69
Total	129/52,6%	116/44,4%	245

Fonte: dados da pesquisa.

No Quadro 1, são listados dados de substantivos no diminutivo, registrados no noroeste goiano. O quadro é organizado em substantivos que denotam entidades humanas, entidades não-humanas e entidades não-humanas de natureza abstrata.

Quadro 1: Substantivos no diminutivo, organizados por denotar entidades humanas e não-humanas, e entidades não-humanas abstratas

Entidades Humanas	Entidades não-humanas	Entidades não-humanas abstratas
véinha [ve'ĩɲɛ]	cidadzinha [sɪdɔdʒɪ'zĩɲɛ]	tardzinha ['taxdʒɪ'zĩɲɛ]
cidinha [sɪ'dĩɲɛ]	ferinha [fe'rĩɲɛ]	tempin ['tẽmpĩ]
caçulinha [kasu'lĩɲɛ]	fazendinha [fezẽ'dʒĩɲɛ]	
bisnétin [bis'netĩ]	móinha (molinha) ['moĩɲɛ]	
	pirainha [pirã'ĩɲɛ]	
	liguinha [lɪ'gĩɲɛ]	
	reberãozin [hebe'rãwzi]	
	chazin [ʃa'zi]	
	conjuntin [kõzũ'ɲĩ]	
	passarin [pɛ'sarĩ]	
	rémedin [he'medʒĩ]	
	biquin [bi'kĩ]	
	cochãozin [ko'ʃãwzi]	
	istrelinha [ɪstre'lĩɲɛ]	
	mariinha [mɛrɪ'ĩɲɛ]	
	balinha [be'lĩɲɛ]	

Fonte: dados da pesquisa

Como observado em estudos tipológicos com grande número de línguas, o diminutivo permite expressar uma gama muito grande de sentidos, até mesmo contraditórios, como 'diminuição de tamanho', 'afetividade', 'proximidade', 'intensificação', entre outros (Jurafsky 1996). Também nos dados recolhidos no

noroeste goiano, esses diferentes sentidos podem ser encontrados. Algumas formações no diminutivo veiculam a noção de tamanho, são exemplos as palavras *pracinha* [pra'sĩɲɐ]; *pequeninho* [pikimĩ'nĩ]; *bichinho* [bi'ʃĩ]; *pouquinho* [po'kĩ]. Essas palavras transmitem a noção de gradação. Os exemplos de *pracinha* e *bichinho*, respectivamente, se referem ao tamanho do local e ao tamanho do animal, são os que melhor representam o diminutivo como gradação. Entretanto, as palavras *pequeno* e *pouco* representam a noção de tamanho mesmo sem a derivação sufixal do diminutivo. Vemos, dessa forma, que, com relação aos últimos dois exemplos, a derivação em diminutivo fica a critério estilístico do falante.

Por sua vez, *cidadzinha* [sɪdadʒɪ'zĩɲɐ] e *fazendinha* [fɛzẽ'dʒĩɲɐ] não necessariamente indicam o tamanho diminuto da cidade ou da fazenda, mas são comumente empregados para demonstrar afetividade pelo lugar, e simultaneamente permitem estabelecer uma relação de proximidade com ouvinte. Da mesma forma, *estrelinha* [ɪstre'lĩɲɐ], conjuntin [kõzũ'ʃĩ], cochãozin [ko'ʃãwzi] são empregados em suas formas derivadas por diminutivo, como forma de, ao mesmo tempo, indicar a afetividade do falante pelos objetos denotados pelos substantivos, e ainda manter uma relação de proximidade com ouvinte.

O fato de o diminutivo poder ser utilizado para denotar a afetividade e a relação de proximidade entre o falante e o ouvinte é o que justifica e viabiliza sua combinação com substantivos que expressam o tempo, como *tardzinha* ['taxdʒɪ'zĩɲɐ] para indicar o final da tarde, e *tempin* ['tẽmpĩ], substâncias massivas, como *chazin* [ʃa'zi], e até mesmo com adjetivos, como *quetin* ['ketĩ].

Embora o termo 'diminutivo' leve à imediata associação com o conceito de redução espacial e, por extensão metafórica, à noção de atenuação, verifica-se ainda a possibilidade de ser utilizado para expressar intensificação, ou, mais propriamente, exatidão, como ocorre na combinação do diminutivo com os quantificadores, *poquin* ['pokĩ]; *nadinha* [na'dʒĩɲɐ]; *tudin* ['tudʒĩ]; *todin* ['todʒĩ], *todinha* [to'dʒĩɲɐ]; e expressões espaço-temporais, *pertin* ['pextĩ].

Outros exemplos de diminutivos são o que chamamos de lexicalizados, é o caso das palavras *bonitinha* [boni'ʃĩɲɐ] e *brinquinho* [brĩ'kĩ], no léxico do município de Aruanã. Nessa cidade, a palavra *bonitinha* [boni'ʃĩɲɐ] não está necessariamente relacionada ao referente do adjetivo bonita, mas é usada para designar uma inflamação que ocorre nos olhos. Trata-se de uma denominação popular para a doença conhecida

em outras regiões como conjuntivite. A palavra *brinquinho* [brĩ'kĩ] poderia ser usualmente correlacionada como um brinco pequeno, ou mesmo com valor afetivo. Porém, no noroeste goiano, o substantivo *brinquinho* [brĩ'kĩ] é empregado de forma metafórica para qualificar como excelente o estado de higienização e organização de um ambiente:

(2) *A casa dele é um brinquinho.*

É preciso reforçar que todos esses usos atribuídos ao diminutivo são comuns nos diferentes dialetos do Português Brasileiro. Mais que isso, os vários sentidos do diminutivo não podem ser considerados como uma idiosincrasia do Português Brasileiro, uma vez que, como reforça Jurafsky (1996, p. 535) “ocorrem com uma regularidade surpreendente entre as línguas do mundo”⁵.

O que chama a atenção, porém, nos dados do noroeste de Goiás, é o uso exacerbado do diminutivo, particularmente com a função de “nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo. É a maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos e também de aproximá-los ao coração”, como já apontava Sérgio Buarque de Holanda (2016 [1936]: 178).

Essa necessidade de “aproximar do coração” as entidades expressas no discurso é ainda mais evidente quando o diminutivo é combinado a termos que indicam entidades humanas, como *véinha* [ve'ĩɲɐ], *caçulinha* [kasu'lĩɲɐ], *bisnetin* [bis'netĩ], inclusive com nomes próprios como *Cidinha* [si'dĩɲɐ]. Neste ponto, é importante observar que para Sérgio Buarque de Holanda (2016 [1936]: 178), tanto o uso exacerbado do diminutivo quanto “a omissão do nome de família no tratamento social” são características linguísticas associadas ao ‘homem cordial’, uma vez que indicam o “desejo de estabelecer intimidade”. Nesse sentido, o uso de prenomes na forma diminutiva, como *Cidinha* [si'dĩɲɐ], é um exemplo muito saliente da relação de intimidade estabelecida em ambiente de trabalho, ou outros ambientes formais. Dessa forma, o uso de prenome em forma diminutiva no Brasil pode ser usado como uma evidência da cordialidade que se estabelece em ambiente de trabalho e outros ambientes formais no Brasil, e contrasta com sociedades em que em ambiente de trabalho utiliza-se o nome próprio

⁵ No original, “We cannot model these various quirks of the diminutive as language-specific idiosyncrasies, because these varied senses of diminutive occur with astonishing regularity across languages” (JURAFSKY 1996, p. 535)

acompanhado de pronomes de tratamento, como *Miss Dalloway*, tanto no inglês britânico quanto em outras variedades dessa língua.

4. O uso do diminutivo e a marca de gênero

Nos dados coletados nos municípios de Aragarças, Piranhas e Aruanã, chama atenção a combinação do sufixo derivacional de diminutivo com os sufixos flexionais de gênero. Nessa variedade de Português Brasileiro, há três possibilidades de marcação de substantivos: (a) *-a* ‘flexão de gênero feminino’; (b) *-o* ‘flexão de gênero masculino’; (c) sem marcação morfológica de gênero. A tabela 3, abaixo, representa de modo quantitativo, o total de dados coletados por meio das entrevistas do *Atlas Linguístico de Goiás*. A primeira coluna indica os municípios. A segunda coluna indica o total de ocorrências de palavras derivadas por sufixo de diminutivo. A terceira coluna remete à quantidade de dados de diminutivos marcados pelo gênero feminino; a quarta coluna indica a quantidade de dados no diminutivo sem marcação morfológica de gênero. Por fim, a quinta coluna indica as ocorrências de substantivos com marcação morfológica do gênero masculino, *-o*. Como exemplo, no município de Aragarças foram identificadas 52,8% de ocorrências que marcam o gênero feminino do diminutivo, 42,3% das ocorrências sem marca morfológica de gênero e apenas 4,8% das ocorrências com indicação de morfológica de gênero masculino, pelo sufixo *-o*. A tendência de Aragarças é comum a todo o noroeste goiano: 52,6% de ocorrências com gênero feminino marcado, seguidas de 44,4% de ocorrências sem marcação de gênero e 2,8% com sufixo de masculino marcado.

Tabela 2. Quantidade de ocorrências de palavras no diminutivo e suas respectivas porcentagens.

Municípios	Diminutivos: Total/Porcentagem	Diminutivos: Feminino	Diminutivos masculinos sem marcação de gênero morfológico.	Diminutivos: Masculino (marcado por sufixo -o)
Aragarças	104	55 52,8%	44 42,3%	5 4,8%
Aruanã	72	39 54,1%	33 45,8%	0 0%
Piranhas	69	35 42,3%	32 46,3%	2 2,8%
Total	245	129 52,6%	109 44,4%	7 2,8%

Fonte: dados da pesquisa

No noroeste goiano, assim como ocorria no sul goiano, conforme observado por Rezende e Santos (2008), há uma oposição nas palavras no diminutivo entre feminino e não-feminino. Observamos que em todas as ocorrências de palavras o sufixo feminino conserva o sufixo *-a* para marcar o gênero da palavra derivada. Nas palavras não-feminina, independentemente da classe lexical, são deixadas não-marcadas, o que justifica ocorrências: *bisneto- bisnetin* [biz'netĩ]; *chazinho- chazin* [ʃa'zi]; *pãozinho- pãozin* [pãw'zi]. Dados de advérbios, como *poquin-* [po'ki]; *tudin-* ['tudzi], reforçam a análise de não-marcação de gênero. De fato, a não marcação do gênero não-feminino está em acordo com a hipótese clássica de Câmara Jr. (2009) de que o Português estabelece uma diferença morfológica entre os gêneros feminino e neutro, e não entre feminino e masculino, como postulado pela Gramática tradicional e pelo senso comum. Azeredo (2008) concorda com Câmara Jr. (2009), no que diz respeito ao gênero masculino não- marcado, porém conceitua o gênero no português da seguinte forma:

o gênero, que é uma classificação eminentemente gramatical, corresponde à- e é motivada pela- distinção de conteúdos lexicais... O masculino é o membro não marcado- isto é, inespecífico- da oposição. Por isso ele é o escolhido para designar a classe ou a espécie em sentido amplo... (AZEREDO, 2008, p. 158-159).

Observamos que o falante dessas regiões tende a não marcar o gênero nas palavras em diminutivo neutro, o que corresponde a 44,4% das ocorrências. No entanto, substantivos e adjetivos ligados a características humanas, fortemente correlacionada à atribuição do sexo nos seres, são indicados pelo sufixo *-o* de reforço do 'masculino'. Como exemplo, o entrevistador questiona sobre como, em sua região, se intitula uma criança do sexo masculino, nesse caso, o falante responde: *homenzinho* [õmẽ'ziɲu] ou *menininho* [min'iɲiɲu].

No total de 245 (duzentas e quarenta e cinco) palavras, 44, 4% dos casos são de diminutivo em neutro não-marcado, em contraste com apenas 2,8% dos dados que apresentaram o sufixo *-o*, para reforçar o gênero masculino, estreitamente relacionado com o conteúdo semântico a que se refere.

A diferenciação de palavras como *bebezinha* [bebe'ziɲe], *mimininhu* [mini'ɲiɲu] e *chazin* [ʃa'zi] pode evidenciar que os falantes do noroeste de Goiás podem reestabelecer um sistema de gênero tripartite: feminino, neutro e masculino, sendo o masculino marcado apenas em caso de reforço da ideia de masculinidade associada ao sexo masculino. À primeira vista, um sistema desse tipo lembra o sistema do latim, em que

as palavras podem ser classificadas, por meio de terminações próprias que permitem a identificação dos gêneros neutro, feminino e masculino⁶. No caso da variedade do noroeste goiano, não há razões para levantar a hipótese de que a possibilidade de marcar uma oposição entre os gêneros feminino, neutro e masculino seja uma manutenção do sistema latino, restrita aos casos de diminutivo. Pelo contrário, a hipótese defendida aqui é a de que ao recriar a distinção entre neutro e masculino, o falante reestabelece relação icônica entre o gênero gramatical e o sexo dos seres. Sobre isso Nascimento (2010) expõe, voltado a uma abordagem cognitiva, as influências históricas e também culturais que influenciam a conceptualização de gênero por parte do falante.

nossa compreensão do mundo como um todo, e o conhecimento apreendido desse mundo – incluindo aí o conhecimento linguístico – se dá a partir de conceitos mais básicos, relacionados diretamente à nossa experiência corporal. Lakoff e Johnson (1987:129) citam como parte desse grupo os seguintes conceitos centrais da nossa experiência corpórea: para cima – para baixo, dentro - fora, frente – trás, luminoso – sombrio, quente – frio, **macho-fêmea**. É, portanto, **não só perfeitamente admissível, mas também justificável a relação que o falante comum estabelece entre gênero e sexo**, conceptualizando o primeiro conceito, mais abstrato, em termos do segundo, mais concreto e mais básico (NASCIMENTO, 2010, p. 131; grifos acrescentados).

Os falantes dos municípios do noroeste goiano utilizam preferencialmente e automaticamente a distinção flexional fundamental entre o gênero feminino, marcado pelo sufixo *-a* após o sufixo de diminutivo, e o gênero neutro, não marcado. De maneira bem controlada, com termos que remetam a animados do sexo masculino, o sufixo *-o* pode ocorrer como forma de reforçar a associação com a noção de ‘masculinidade’.

Considerações finais

Esta pesquisa partiu da percepção de Sérgio Buarque de Holanda de que uma das características da cordialidade própria das relações sociais no Brasil é o uso acentuado do diminutivo. Para tanto, analisou-se dados obtidos por meio das entrevistas em cidades do noroeste goiano, a saber Aragarças, Piranhas e Aruanã.

Nessas regiões, o sufixo de diminutivo é realizado como *inha* [-iɲɐ] quando combinado com flexão de gênero feminino; [i] no neutro. Os falantes do noroeste goiano também permitem um reestabelecimento da noção de masculino, ao combinar o

⁶ Câmara Jr. (2009) expõe a presença do sistema de gênero tripartite no português brasileiro no que diz respeito aos pronomes demonstrativos. Assim, há o pronome *essa* que se refere ao feminino, o pronome *esse* que se refere ao masculino e o pronome *isso* que atenderia a um gênero neutro, que se refere ao que é inanimado.

sufixo de diminutivo [-ĩ] com o sufixo –o para reforçar a ideia de sexo masculino, particularmente quando combinados a substantivos que denotam tipos humanos do sexo masculino.

A preferência pelo sufixo [ĩ] para o neutro pode ser associada a várias causas complementares: (1) ao fato de que o neutro em Português Brasileiro é não-marcado, assim basta a distinção entre [-ijɐ] e [-ĩ] para distinguir feminino e não-feminino; (2) ao fato de que nas línguas do mundo é comum nas línguas do mundo ser marcado por vogal alta anterior (Jurafsky 1996).

A presença do sufixo –o, apenas em alguns dados para marcar o sexo masculino de uma entidade, indica a preocupação do falante em reestabelecer a distinção entre masculino e neutro, e mais ainda reestabelecer a relação entre o gênero neutro com a marcação e reforço da masculinidade.

O contato com línguas indígenas na região, particularmente Iny, Kayapó e A'uwẽ, precisa ser mais bem estudado para que se possa aventar hipóteses sobre possíveis influências. Em aulas para alunos A'uwẽ no Núcleo Takinahaky de Educação Intercultural Indígenas, da Universidade Federal de Goiás, pudemos perceber um uso bastante frequente do morfema –re de diminutivo. Essa alta frequência observada em sala de aula pode estar relacionada ao fato de que nessa língua o diminutivo não ser um sufixo flexional, mas um clítico. De qualquer forma, o uso acentuado de diminutivo nas línguas da família Macro-Jê pode ter contribuído para o “nosso pendor acentuado para o emprego de diminutivos” (Buarque de Holanda 2016 [1936]: 178), que o autor lista como uma das características linguísticas da cordialidade. Essa hipótese, no entanto, deve ser mais bem avaliada.

Referências

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

BASILIO, Margarida. *Formação e Classe de Palavras no Português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo: edição de bolso*. Rio de Janeiro: Lexikon/ Porto Alegre: LPM, 2007.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. “Flexão e Derivação: O grau”. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (org.). *Ensino de gramática*. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. *Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português*. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. *Usos morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português*. Gragoatá. (UFF), v. 21, p. 219-242, 2006.

ILARI, Rodolfo. *Introdução ao Estudo do Léxico: brincando com as palavras*. São Paulo: Contexto, 2012.

JURAFSKY, Daniel. Universal Tendencies in the Semantics of the Diminutive. *Language*, v. 72 533-578, 1996.

NASCIMENTO, Mauro José Rocha do. *Vogal Temática Nominal e Gênero no Português*. In: LEITÃO DE ALMEIDA, Maria Lúcia et alii (org). *Linguística Cognitiva em foco: morfologia e semântica do português*. Rio de Janeiro: Publit, 2010.

BRASIL. IBGE. http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/DRB/Divisao%20regional_v01.pdf (1990)